

# Iluminismo ou barbárie revisitado<sup>1</sup>

Luiz Paulo Rouanet<sup>2</sup>

---

*A depreciação da inteligência, a volta do racismo e a reabilitação do nacionalismo são apenas alguns sinais mais visíveis de uma estrutura que, sem querer medicalizar a história, eu não hesitaria em chamar de patológica.*

*(Rouanet, S. P., 1993, p. 99)*

## Introdução

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao convite para ministrar esta palestra. Sinto-me honrado por vários motivos: pelo prestígio da instituição que me recebe, pela homenagem a meu pai, Sérgio Paulo Rouanet, e pela indicação feita por Barbara Freitag, esposa, parceira intelectual e minha *belle mère*.

Em segundo lugar, tenho consciência do desafio que essa tarefa representa, também em seus vários sentidos: falar diante de um público especializado, em uma área que não é a minha, e abordar um tema de alta complexidade, fazendo jus, como herdeiro sanguíneo e intelectual, ao autor que me precedeu.

Desde jovem fui confrontado com esse dilema: enfrentar o desafio, escolhendo uma área de estudos similar, ou fugir, escolhendo uma carreira bem diferente. Optei pela primeira alternativa, ao me formar em Filosofia e depois seguindo carreira universitária. Optei pelo diálogo, crítico, por vezes conflitu-

---

1. Palestra proferida na Aula Inaugural do Instituto de Formação da SBPRJ (Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro) na qual o professor e ex-ministro da cultura do Brasil, Sérgio Paulo Rouanet, foi o homenageado.

2. UFSJ, Instituto Rouanet.

oso, mas sempre pautado pela admiração e pelo respeito intelectual, que creio que passou a ser mútuo. Em meu exemplar de *Mal-estar na modernidade* consta esta dedicatória, que julgo pertinente reproduzir, neste contexto: “Para meu filhote querido com a esperança de que v. concorde um pouco, se possível, e discorde muito, se necessário. Um beijo carinhoso de seu pai, S. P. Rouanet”.

Mas não se preocupem, não pretendo me alongar aqui em recordações pessoais ou manifestações sentimentais. Partirei de uma sugestão, feita pelo anfitrião, Dr. Ney Marinho, que recordou outro texto da coletânea *Mal-estar na modernidade* (Rouanet, S. P., 1993), a saber, “Iluminismo ou barbárie”, que constitui o primeiro capítulo do livro. No que segue, portanto, partirei desse texto, fazendo eventualmente ligações com outros textos do autor e introduzindo reflexões pessoais.

## **Iluminismo ou barbárie**

Em “Iluminismo ou barbárie”, texto escrito especialmente para a coletânea *Mal-estar na modernidade*, Sergio Paulo Rouanet (1993) retoma, a seu modo, o nome do grupo reunido em torno de Claude Lefort, intitulado “Socialismo ou barbárie”. Nesse texto programático, por assim dizer, Rouanet parte do diagnóstico de uma “crise da civilização moderna”, o qual remete, naturalmente, à *Crise da consciência europeia*, de Hazard, e ao *Mal-estar da civilização*, de Freud. Não há necessidade de nos determos nisso.

Como quer que seja, segundo o autor, o que está em jogo

[...] atrás da crise da modernidade é uma crise de civilização. O que está em crise é o projeto moderno de civilização, elaborado pela Ilustração europeia a partir de motivos da cultura judeo-clássica-cristã e aprofundado nos dois séculos subsequentes por movimentos como o liberal-capitalismo e o socialismo. (p. 9)

Esse projeto civilizatório da Modernidade se assenta em três conceitos principais: universalidade, individualidade e autonomia. São esses conceitos, ou valores, que são postos em xeque pelos adversários da modernidade, a partir de uma posição anti-iluminista difusa, expressa no renascimento de nacionalismos e separatismos de diversos tipos, em racismo, em xenofobia, em suma, posições que pareciam estar em escanteio, pelo menos desde o final da segunda guerra mundial.

Partindo desse diagnóstico, que não me cabe reproduzir aqui na íntegra, o autor passa a discorrer sobre dois movimentos que, partindo da Ilus-

tração, herdam e levam adiante alguns dos valores do Iluminismo, a saber, o liberalismo e o socialismo.<sup>3</sup>

Na Ilustração, já estavam contidos os ideais do individualismo e da autonomia. O conceito de universalismo da Ilustração, porém, padecia de um mal que só seria devidamente identificado no século XX, embora já se encontrassem prenúncios dessa crítica na posição cosmopolita e universalista de Kant. Refiro-me ao etnocentrismo. Havia, de fato, entre os autores do século XVIII, e estendendo-se pelos dois séculos seguintes, com poucas exceções, a ideia de uma superioridade da civilização ou cultura europeia. A antropologia, no século XX, principalmente através das contribuições de Claude Lévi-Strauss e Clifford Geertz, para citar apenas dois exemplos, colocarão essa ideia em perspectiva. Não por isso, porém, devemos passar a idealizar a cultura dos chamados (na época) “primitivos” ou “selvagens”.<sup>4</sup> Feita esta ressalva, havia de fato, na Ilustração, um ideal de universalismo, embora ele precisasse ser ampliado.

Nas seções seguintes, o autor trata do legado da Ilustração e do Iluminismo presentes tanto no Liberalismo quanto no Socialismo. No Liberalismo, de maneira simplificada, pode-se constatar a presença dos valores do universalismo, do individualismo (até excessivo) e da autonomia. Assim, em suas palavras:

As sociedades organizadas segundo princípios liberais levaram adiante, a seu modo, o ideal universalista. Em teoria, a natureza humana era considerada a mesma em toda parte, e embora alguns indivíduos e povos fossem mais primitivos que outros, todos tinham em princípio os mesmos talentos e mesma capacidade de progredir, independentemente de sexo ou raça. O liberalismo econômico pregava uma comunidade mundial interdependente, com base na divisão internacional do trabalho. O liberalismo político combatia o imperialismo, a imposição da vontade de um povo sobre outro. (p. 19)

---

3. Quanto à distinção entre Ilustração, como movimento histórico datado e localizado, e Iluminismo, como movimento filosófico transepocal e onipresente, ver, em *Mal estar na modernidade*, o capítulo “Ilustração e modernidade”, entre outros textos. Também ali, p. 13: “O Iluminismo é um *ens rationis*, não uma época ou movimento. Por isso sempre o distingui da Ilustração, que designa, esta sim, um momento na história cultural do Ocidente”.

4. Para um questionamento e relativização dessa concepção, especialmente, C. Lévi-Strauss, *O pensamento selvagem* (1990) e Clifford Geertz, *A interpretação das culturas* (1981).

Embora altamente elogioso do liberalismo no que concerne, principalmente, à autonomia política e econômica que ele proporcionou, defendendo-o inclusive contra os exageros da teoria crítica (“os que têm uma sensação de vertigem diante dos paradoxos do capitalismo tardio podem tranquilizar-se. Esses paradoxos são menos frequentes do que os especialistas da dialética negativa querem fazer crer”, p. 23<sup>5</sup>), o autor não se deixa cegar pelos aparentes progressos dessa forma política, denunciando a miséria e a persistência da desigualdade, a despeito das proclamações de igualdade por parte de seus defensores. Nesse sentido, diz: “[...] é absolutamente inconcebível a miséria maciça que só faz agravar-se no resto do mundo. Os contrastes de renda e de bem-estar aumentam não somente entre países ricos e pobres, como dentro dos próprios países subdesenvolvidos” (p. 27).<sup>6</sup>

Quanto ao Socialismo, este também inevitavelmente herdeiro dos ideais da Ilustração, do Iluminismo e da Revolução Francesa, enfatiza um igualitarismo de fato, e não apenas formal, e a abolição das classes sociais, indo além do conceito de nação. Pregava, pelo menos em seu início, uma internacionalização de seus valores. Segundo o autor,

Se a Ilustração pregava uma universalidade genérica, e o liberalismo uma universalidade que passava pelo reconhecimento da nação livre como elo entre o indivíduo e a espécie, o socialismo insistia numa concretização ainda maior do conceito de universalidade, em que o critério diferenciador fosse a classe social, e não a nação. (p. 28)

Da mesma forma que fez em relação ao Liberalismo, aponta o grande benefício do Socialismo na ideia de autonomia econômica. Desse modo,

Quanto à autonomia econômica, a principal contribuição do socialismo foi ter transitado do conceito de autonomia como liberdade para o conceito de autonomia como segurança: autônomo não é quem tem o direito abstrato de atuar como agente econômico mas quem tem o poder efetivo de obter pelo trabalho os bens necessários à própria sobrevivência. (p. 31)

---

5. Para um exemplo de uma visão mais otimista do progresso provocado pelo liberal-capitalismo e pelo Iluminismo, ver Steven Pinker, *O novo Iluminismo* (2018).

6. Para visão similar, mais recente, sobre os limites do capitalismo, ver Thomas Piketty, *O capital no século XXI* (2014).

No entanto, foi justamente essa promessa, e o fracasso em fornecer bens e serviços de maneira suficiente e adequada, uma das causas, senão a principal, da morte do socialismo real, pelo menos na União Soviética. Nas palavras do autor, mais uma vez:

[...] o conceito de segurança econômica não inclui apenas o acesso a vantagens sociais, mas também a bens e serviços. Nisso o regime falhou miseravelmente. Foi essa a *causa mortis* do socialismo real. Ele não morreu, lamentavelmente para os idealistas, por ter asfixiado a autonomia intelectual e a política, mas por não ter conseguido produzir mercadorias em escala comparável à do capitalismo. (p. 32)

Por fim, o autor defende o projeto ou a ideia iluminista, que pretende resgatar os valores de autonomia, universalidade e individualização veiculados pela Ilustração e trazê-los para o presente. O “credo” iluminista – ou neoiluminista – é resumido pelo autor no seguinte parágrafo, que reproduzimos na íntegra:

Para ela [a ideia iluminista], (1) todos os homens e mulheres, de todas as nações, culturas, raças e etnias, (2) desprendendo-se da matriz coletiva e passando por processos crescentes de individualização, devem alcançar (3) a autonomia intelectual, ou seja, o direito e a capacidade plena de usar sua razão, libertando-se do mito e da superstição, sujeitando ao crivo da razão todas as tradições, seculares ou religiosas, problematizando todos os dogmas, criticando todas as ideologias, e desenvolvendo livremente a ciência, o pensamento especulativo e a criatividade artística, o que pressupõe um sistema cultural que tenha institucionalizado e dado condições efetivas de exercício à liberdade de pensamento e de expressão, (4) a autonomia política, ou seja, o direito e a capacidade plena de participar dos processos decisórios do Estado, o que pressupõe um sistema político que tenha institucionalizado e dado condições efetivas de funcionamento à democracia e aos direitos humanos, e (5) a autonomia econômica, ou seja, o direito e a capacidade plena de obter, sem prejuízo para os outros indivíduos e sem danos para o meio-ambiente, os bens e serviços necessários ao próprio bem-estar, o que pressupõe um sistema econômico que tenha institucionalizado e dado condições efetivas de funcionamento aos direitos dos agentes econômicos, dentro dos limites compatíveis com os objetivos superiores da justiça social e da preservação da natureza. (p. 33)

Com certeza, essa deve ser a sentença mais longa da língua portuguesa! Vença até mesmo as intermináveis frases de Kant. Fiz questão de reproduzi-la

aqui, pois creio que resume de maneira inigualável o credo iluminista defendido pelo autor.

## O Iluminismo no século XXI

Posso agora, na análise do texto “Iluminismo ou barbárie”, propor a inversão da dedicatória que meu pai fez. Posso dizer que concordo muito e discordo um pouco.

Concordo, de maneira geral, com o ideal iluminista, tal como veiculado principalmente por Kant (1977), não só em seu texto “Resposta à pergunta: o que é o Iluminismo [Esclarecimento]?”, como no restante de sua obra crítica, isto é, posterior à publicação da *Crítica da razão pura*, em 1781. Também compartilho de sua admiração pelos enciclopedistas, de maneira geral, e em especial, por Rousseau, com seu *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, e no *Contrato social*. Nesse sentido, poder-se-ia considerar Rousseau como o primeiro a introduzir o conceito de consciência social, senão em palavras, pelo menos em ideia. Seus textos fornecem a base para o pensamento social do século XIX, aí incluídos os socialistas utópicos (Fourier, Saint-Simon, Proudhon) e Marx.

Também acredito no poder da palavra e da argumentação. Não existe alternativa. Não se pode vencer pela força das armas, a não ser em vitórias localizadas e pirrônicas. Kant disse, em algum momento, que certos conflitos se assemelham a duas pessoas brigando em uma loja de louças. A única certeza que elas têm é que, ao final da briga, precisarão se reunir em um bar em frente para dividir a conta.<sup>7</sup>

Minha principal discordância talvez se dê em relação à abrangência do conceito de razão. O historiador Fernando Novais disse certa vez que meu pai tinha “uma crença religiosa na razão”. De certa forma, pode se aplicar a ele o que ele mesmo disse a respeito de Freud. Na conferência “Mal-estar na modernidade”, pronunciada na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, em 1993, disse o seguinte: “A crença de Freud no poder da razão chega às vezes à fronteira do cientificismo” (p. 101). Nesse sentido, faço minhas as palavras de Ernst Cassirer (1992), em seu *A filosofia do Iluminismo*: “Para nós – se bem que estejamos de acordo, no plano das ideias e dos fatos, com determinadas teses da

---

7. Provavelmente, em “Sobre a verdade do dito popular: o que vale na teoria não vale na prática”.

filosofia do Iluminismo – a palavra ‘razão’ deixou de ser há muito tempo uma palavra simples e unívoca” (p. 23).

Onde aparece esse racionalismo, ou esse excesso de racionalismo, na obra de meu pai? No próprio texto que examinamos, “Iluminismo ou barbárie”, parece-nos excessiva, por exemplo, a seguinte formulação, na qual se pode depreender até um certo positivismo:

Se o homem é mais individualizado que o antigo, o homem moderno é certamente mais individualizado que o da pré-história. A humanidade percorreu uma longa trajetória desde a horda primitiva; o caminho foi longo, como sabia Freud, da psicologia coletiva à psicologia individual, e *qualquer tentativa de reinserir o indivíduo no todo significa um retrocesso obscurantista*. (p. 36, grifos meus)

Em primeiro lugar, essa concepção, tal como se apresenta nesse trecho, parece indicar uma crença em um progresso linear. Não creio que se possa mais aceitar essa concepção, de maneira acrítica. Até mesmo Kant defendia uma noção de “progresso relativo da humanidade” (em *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*), não absoluto. Somente se introduzindo a ideia de um reino dos fins e de um ideal da razão pode-se falar em progresso, nesse sentido. Trata-se dos “marcos civilizatórios” a que ele alude nesse texto, e aos quais Foucault (1983/1994) faz menção.

Logo adiante, entretanto, o autor suaviza essa formulação, admitindo um grau de escolha dos valores do Iluminismo. Os valores universais do Iluminismo servem de proteção ao indivíduo contra a coerção da coletividade. Desse modo, prossegue:

O individualismo iluminista não desconhece a existência de coletividades particulares, mas proclama que em última análise não são elas que são titulares de direitos e sim os indivíduos que as compõem. [...] Os direitos desses indivíduos incluem não somente o de ter uma religião específica ou de conservar a cultura em que foram socializados como o direito de recusar essa religião ou cultura. Pois para o Iluminismo a dignidade mais alta do indivíduo está em sua capacidade de passar por descentramentos sucessivos, superando, *se assim o desejar*, vínculos que não foram escolhidos por sua razão – a família, o grupo, a cultura. (p. 36)

S. P. Rouanet é implacável com qualquer forma de esoterismo, misticismo, ironizando até mesmo formas de meditação de origem oriental. Nesse sentido,

pode-se apontar, sim, certo etnocentrismo ocidentalizante em seu pensamento. Ele era avesso a qualquer forma de tratamento alternativo. Encampa, nesse sentido, a posição de Freud em relação a alguns desdobramentos da teoria de C. Jung, como a noção de arquétipo ou de inconsciente coletivo. Evidentemente, não posso desenvolver isso aqui.

Em resumo, porém, há muito mais concordância do que discordância em relação ao pensamento aqui exposto.

## Conclusão

O debate que se propõe tem caráter apenas incipiente. A profundidade, a complexidade e a extensão do pensamento de Sergio Paulo Rouanet demandarão muitos esforços, assim acredito, não só deste que vos fala, como de outros pesquisadores, na presente e em futuras gerações. O que mostra que ele nos legou realmente uma filosofia. Pode-se parafrasear Thomas Kuhn (2013), dizendo que a filosofia [o paradigma] não precisa responder a todas as perguntas: tem que ser suficientemente aberta para que se proponham novas perguntas e para que estimule novas pesquisas. Nesse sentido, cabe dizer que Sergio Paulo Rouanet foi um filósofo!

## Referências

- Cassirer, E. (1992). *A filosofia do Iluminismo* (Á. Cabral, trad.). Campinas, SP: UNICAMP.
- Foucault, M. (1994). "O que é o Iluminismo?" [«Qu'est-ce que les Lumières?»]. *Magazine Littéraire*, 207: 35-39. (Original publicado em 1983).
- Geertz, C. (1981). *A interpretação das culturas*. São Paulo: LCT.
- Kant, I. (1977). *Gesammelte Werke*. Alemanha: 12 Bd. Frankfurt a. Main.
- Kuhn, T. (2013). *A estrutura das revoluções científicas* (B. V. Boeira e N. Boeira, trad., 12ª ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Lévi-Strauss, C. (1990). *O pensamento selvagem*. Campinas, SP: Papirus.
- Piketty, T. (2014). *O capital no século XXI* (M. B. Bolle, trad.). Rio de Janeiro: Intrínseca.
- Pinker, S. (2018). *O novo Iluminismo* (L. T. Motta e P. M. Soares, trad.). São Paulo: Cia. das Letras.
- Rouanet, S. P. (1993). *Mal-estar na Modernidade*. São Paulo: Cia. das Letras.



Recebido: 9/9/2022

Aceito: 13/11/2022

---

**Luiz Paulo Rouanet**

luizpaulorouanet@gmail.com